

# OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO : SALOMÃO SÁRAGGA  
7, rue du Centre, Paris.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI  
42, rua da Atalaya, Lisboa.

PORTUGAL E COLONIAS (Moeda forte.)		PREÇOS DA ASSIGNATURA BRAZIL E AMERICA DO SUL (Moeda fraca.)		FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Semestre ou 6 numeros. . . . .	1.500 réis.	Semestre ou 6 numeros. . . . .	5.000 réis.	Semestre ou 6 numeros. . . . .	8 francos.
Trimestre ou 3 numeros. . . . .	800 réis.	Trimestre ou 3 numeros. . . . .	3.000 réis.	Trimestre ou 3 numeros. . . . .	4 fr. 50.
Por mez ou numero avulso. . . . .	300 réis.	Por mez ou numero avulso. . . . .	1.000 réis.	Por mez ou numero avulso. . . . .	1 fr. 50.

Vol I<sup>o</sup>.

PARIS, 31 DE DEZEMBRO DE 1877.

NUMERO 5.



HERMENEGILDO DE BRITO CAPELLO  
Capitão-tenente



ALEXANDRE ALBERTO DE SERPA PINTO  
Major



ROBERTO IVENS  
Primeiro-tenente

EXPEDIÇÃO AFRICO-PORTUGUEZA

## SUMMARIO

## TEXTO

Correio de Paris . . . . .	Guilhermino de Sá.
A expedição Africo-portuguesa . . . . .	Luciano Cordeiro.
Enterro d'Alfonso d'Albuquerque . . . . .	Bulhão Pato.
A vinda de França . . . . .	Ramalho Ortigão.
Dolce far niente . . . . .	
A taça envenenada . . . . .	
Os jogadores de Xadrez . . . . .	O'Gallighan.
Salvas . . . . .	
Um Conto do Ghetto . . . . .	Andersen.
A cataracta de Sawkill . . . . .	
Guerra do Oriente . . . . .	
Revista bibliographica . . . . .	João Tedeschi.
Variedades . . . . .	

## GRAVURAS

Expedição Africo-portuguesa. — Dolce far niente. — A taça envenenada. — Salvas. — A cataracta de Sawkill. — O Imperador da Russia.

## CORREIO DE PARIS

Uma rua de mais de trinta metros de largo; no centro carruagens aos milhares cruzando em todos os sentidos, ora seguindo em filas, ora isolando-se e tomando outra direcção; aos lados, passeios bastante largos separados do meio da rua por uma linha de arvores; n'esses passeios um continuo vai-vem de pessoas de todas as classes, sexos, trajos e idades; no lado dos passeios, casas, hotéis e theatros; salvo rarissimas excepções o rez do chão d'esses edificios apresentando lojas com ricos mostradores, em alguns dos quaes se vêem objectos de que nove décimas partes dos habitantes do globo nem sequer ouviram fallar; muito ruido, muito movimento, muita alegria, muito luxo, muitos estrangeiros, muitas mulheres bonitas, muitas feias, muitas elegantes, entrando, saindo das lojas ou das casas, desembocando das ruas transversaes, subindo para as carruagens, descendo, parando para ver algum objecto das lojas; eis o que se chama os *boulevards* de Paris. Por esta palavra *boulevard* entende-se os antigos *boulevards*, os primitivos, os do centro da cidade, apenas onze dos cento e tantos que ha em Paris. Não porque não haja outros igualmente ricos, nem muito transitados, mas porque só estes conteem tudo o que ha nos outros alem de coisas que são exclusivamente suas.

A dizer a verdade todos os *boulevards* antigos formam um só, e são denominados na linguagem parisiense pelo *boulevard*, simplesmente. Comtudo é incontestavel que cada um tem a sua physionomia particular, havendo sobretudo a notar que os mais elegantes e sumptuosos são os que ficam do lado da igreja da Magdalena, e os menos, do lado da Bastilha.

A extensão é apenas de 4 kilometros e meio, não havendo em nenhum d'elles uma só merceria. Ha lojas e armazens de tudo: *restaurants*, cafés, modistas, alfayates, sapateiros, objectos d'arte, vinhos de *Champagne* e outros

mais, occulietas, livreiros, artigos do Oriente, moveis de luxo, tapetes, cristaes, marmores e fogões de salla, relojoeiros, ourives, camiseiros, luveiros, perfumarias, photographos, loiças, porcelanas e estabelecimentos de mil outras classes, mas loja que venda arroz, pimenta ou assucar não ha. Será um defeito, mas que querem que lhe faça, é assim, não sei porquê. É no *boulevard* que se encontram os estrangeiros. Assim, quem souber que tem em Paris um seu compatriota, e não sabe onde elle mora é ir postar-se no *boulevard* desde pela manhã, na certeza que se não passa o dia sem que o veja. Para um caso d'estes deve-se preferir o dos *Italianos*.

É esse o preferido dos elegantes. É esse o que elle escolheu para campo de manobras. Alli passa elle todos os dias e todas as noites, variando de nome conforme a época. Esta entidade tem successivamente sido designada por estas denominações: *raffinés*, *beaux*, *merveilleux*, *incroyables*, *fashionables*, *gants jaunes*, *dandys*, *lions*, *gandins*, *cocodès*, *petits-crevés* e actualmente *gommeux*. Estão agora tratando de lhe chamar *mal-peignés*, mas parece que entre os da especie ha divergencias, porque a causa do novo titulo tem sido o andarem mal penteadas as fêmeas, e os machos, que andam sempre muito frisados, teem aversão a que os chamem assim. É coisa com que não nos devemos importar. Não passa de uma lucta entre animaes da mesma especie, quasi inoffensivos.

As demolições seguem com mais ou menos furor, o que dá lugar a immensas questões entre os amadores da historia do velho Paris. Uns dizem que o theatro do palacio de Borgonha era situado em tal rua, outros que é um engano o que aquelles dizem, e que a confusão provem de que n'essa casa habitaram dois comicos celebres que pertenceram á companhia denominada dos actores do Rei Luiz XIV. Não entraremos na questão, mas aproveitamos o ensejo para nos lembrarmos da historia d'um d'esses actores, de origem italiana, chamado Carlos Bertinazzi, e conhecido pelo Carlino. Que typo tão original! Rematado truão em scena, era fóra d'ella citado por todos como modelo de probidade, honradez e dignidade. Que contraste pôde haver mais surpreendente entre a existencia do theatro e a real, do que o d'este comico que provocava o riso, enquanto se estorcia na agonias das dôres de pedra; o publico desfazia-se em gargalhadas deante d'aquelles tregeitos que a maior parte das vezes eram crispaturas causadas pelo soffrimento! Carlino não soffria só d'esse mal; o farcista sem rival era definhado pela hypocondria. Um dia, foi contar as suas angustias a um medico.

— Isso tem remedio, disse-lhe o Esculapio; experimente, e depois falle comigo...

Carlino suspirou na esperanza de ver um termo aos seus males.

— Vá ver representar Carlino, e eu lhe prometto que não ha de ter mais essas idéas sombrias.

— Pobre de mim! exclamou o comediante, sou o unico em Paris que não posso aproveitar o seu conselho.

— Lá por isso não seja a duvida! e o doutor dispunha-se a tirar dinheiro da algibeira.

— É escusado, disse o hypocondriaco retirando-se. Torno a repetir-lhe, sou a unica pessoa em Paris a quem Carlino não faz rir...

Trez assumptos occupam actualmente a attenção dos parisienses, se é que o parisiense se deixe alguma vez absorver ou se interesse por alguma coisa durante muitos dias seguidos. São a Exposição, a politica interna e a guerra do Oriente. A nossa publicação não entende nada de politica, mas dizem os que entendem, que estas trez coisas prendem-se umas ás outras. Dizem elles que qualquer das politicas, a externa ou interna, pôde deceder da sorte da Exposição, e fazer com que ella se abra mais tarde ou mais cedo. No entretanto ella coitada, que é naturalmente pacifica, e que não deu nem prego nem estopa para accender a guerra no estrangeiro, nem cimentar a discordia em França, antes pelo contrario deseja que tudo esteja em paz e tranquillidade, vae gozando com socego e remanso dos melhoramentos com que hão por bem as partidos contrarios embellecê-la. Faz lembrar o conto dos trez gallegos que iam para a terra. Dois d'elles tinham comprado uma manta para se cobrirem de noite, dando cada um metade e combinando dormirem juntos. O terceiro que era mais pobre não comprou nada. Logo na primeira noite ficaram n'uma estalagem, e os dois da manta tiveram dó do outro e propuzeram-lhe para dormir com elles, o que elle acceitou. A cama era estreita mas a manta ainda mais. Para não haver duvidas sobre qual dos dois que tinham gasto o dinheiro ficaria em melhor lugar, resolvêram que o que não tinha dado nada ficasse no meio. O pobre acceitou. Ainda mal se não tinham deitado, começa cada um a puchar de seu lado.

— Vá, vá, dizia um, eu tanto paguei como você, *baia, baia*, não puches.

E o outro:

— Se você pagou, tambem eu paguei, não puches *raio* que vae tudo có'os demonios.

No fim de uma lucta renhida, que se renovava cada cinco minutos, o do meio, o que não tinha pago, mas que estava quente que nem um borralho, murmura d'alli com uma voz sumida e humilde:

— Tenham *chuicho*, estejam *quêdos*, que eu cá como *num pahu num pucho*.

E era o que estava melhor.

Assim é com a Exposição. Enquanto vão guerreando vae ella tomando incremento. Depois dirá aos estrangeiros e nacionaes: « Se querem tirar partido do que gastaram, soceguem. Eu cá estou. »

Emquanto se não deslindam estas questões o tempo vae passando e o caso é que estamos chegados ao termo fatal. Esse termo fatal não é o da Exposição, nem coisa que o valha. É uma calamidade d'outro genero. É uma fatalidade que dura enquanto dura a vida de todo o habitante da França. Esse termo fatal, essa calamidade, essa desgraça é o fim do anno. O caso é muito serio, não é para rir. Chegada esta época, tem a gente que dar a todos os que conhece, o que os francezes chamam *étrennes*. Dizem elles que houve n'outro tempo, muito antigo, um rei da Persia (eu não sei bem se é da Persia, mas supponhamos) que no dia de Anno-Bom fixava a sua residencia ao ar livre, n'uma praça publica, e alli recebia presentes de todos os seus fieis vassallos. Estes presentes chamavam-se *étrennes* lá na lingoa do tal rei. E depois... e depois... não sei como, passou este costume para a França, com a differença que aqui n'este paiz democrata todos se consideram

reis, e é mais a mim, mais a mim, que parece uma praga. Todos querem receber. Dá-se ao carteiro, ao porteiro, á lavadeira, á engommadeira, ao barbeiro, aos criados, a todos enfim. As pessoas de igual condição é preciso também mandar uma lembrança, um presente, eu sei, uma coisa qualquer. Aos superiores, uns bolinhos, umas coisas que elles possam trincar. Aos amigos, um livro (caro, está visto). As crianças, um brinquedo que custe bastante, senão não presta. Imagine-se quantos milhões não rollam n'estes dias.

Pelos modos, o tal rei antigo, escolhia a praça publica para se refrescar, mas aqui como o calor no inverno não é muito, antes ha bastante neve ás vezes, não seguiram aquella moda, e esperam em casa que a gente lhes mande as taes *étrennes*. É o sybaritismo levado á ultima expressão. O resultado é, que uma pessoa para não ficar mal com todos, tem de despojar-se de tudo o que possui, e ás vezes ficar sem camisa, que é o que acontece a quem assigna estas linhas. Victima innocente dos ultimos acontecimentos do fim do anno, na minha furia, o unico desforço, a unica consolação que me podiam dar, era dizerem-me o nome d'aquelle perverso rei da Persia que creou um costume que abala a economia até aos fundamentos. Desejaria conhecer esse nome para o amaldiçoar todos os dias da minha vida, que elle attribuiu com a sua invenção.

GUILHERMINO DE SÁ.

## A EXPEDIÇÃO

AFRICO - PORTUGUEZA

Devassar e conhecer os sertões africanos é velha preocupação portugueza.

Velha preocupação e antigo trabalho.

Esta prioridade gloriosa ninguem nol-a poderá contestar com justiça.

Primeiro do que outros europeus, atravessaram os portuguezes o mysterioso continente; primeiro e longamente antes do que outros, atravessaram os portuguezes o mysterioso continente; primeiro e longamente antes do que outros, se lançaram elles á exploração geographica do sertão africano; primeiro do que outros e mais do que todos temos nós lidado por abrir a Africa á civilização europêa. Não é demais repetil-o quando tantos simulam ignorar-o.

Basta lembrar alguns nomes.

Em 1570 Francisco Barreto, governador de Moçambique penetra até 10 dias de jornada acima de Sena e encontra já vestígios de portuguezes.

Vasco Fernandes Homem, que lhe succede, entra por Sofalla até alem de Chiconga.

Balthasar Rebello de Aragão empreende da costa occidental a tentativa da travessia em 1606.

Segue-se-lhe em 1678 José da Rocha.

Vem em seguida Manuel Caetano Pereira em 1796. Chega até ao Cazembe o Dr. Lacerda em 1798.

De 1806 a 1811 vão os celebres *pombeiros*

de Francisco Honorato da Costa, de Muropue em Angola a Sena e voltam desarmados de Sena a Loanda.

É necessario citar ainda Gamitto, Monteiro, Silva Porto e os seus *pombeiros*, Graça, etc?

Da nossa acção civilisadora na Abyssinia encontram ainda os viajantes modernos monumentaes testemunhos. Nas nossas velhas cartas e chronistas apparecem as primeiras revelações das origens do Nilo e dos lagos interiores. Chegámos a fazer do Congo (S. Salvador) quasi uma côrte europêa. Andaram por lá advinhando as origens do Zaire os nossos pilotos.

Balthasar de Castro (1526) noticiava ao rei portuguez os preparativos que se faziam para a descoberta das cabeceiras do grande rio, e em 1536 dispunha-se, na cidade africana, o nosso Manuel Pacheco para ir por elle acima a explorar o que chamava o *lago* onde nascia o Congo.

Em 1560 davamos nós já um martyr á exploração e civilização africana no Mocarango, o Padre Gonçalo da Sylveira.

Em 1613 vinha da Abyssinia a Melinde o padre Fernandes.

Em 1624 subia o padre Lobo o Jubo.

Penetraram por toda a parte os nossos missionarios e ainda ha pouco, um escriptor e viajante insuspeito e inglez, encontrava muito longe da costa o ensino tradicional da leitura entre os negros, descendentes dos visinhos d'uma nossa missão d'outros tempos.

Já no século XVI procuravamos as minas africanas, exploravamos algumas e occupavamos feiras muito distanciadas pelo sertão dentro.

\*  
\* \*

A expedição que a estas horas deve ter-se internado no sertão de Benguella, também não é um pensamento de recente apparição.

Somente, pela fatalidade das condições politicas e sociaes do paiz levou largo tempo a sazonar e a realizar-se.

A idéa de explorações africanas, a compreensão dos imperiosos deveres que nos impunha o movimento crescente de exploração scientifica e civilisadora da Africa, presidira á fundação da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, em 1875.

O assumpto fôra discutido por vezes nas conferencias do primeiros fundadores e especialmente n'uma havida entre a pessoa que firma estas linhas e o nobre marquez de Sá da Bandeira, de todos os modernos governantes de Portugal o que melhor e mais seriamente comprehendêra os deveres e interesses contemporaneos da nossa soberania africana.

Emquanto porém a Sociedade luctava com as difficuldades e trabalhos da sua installação, o exito da expedição de Cameron, sugerira igualmente o pensamento d'uma expedição portugueza ao illustre e patriótico sabio, o Dr. Bernardino Antonio Gomes, e o Sr. Ministro da Marinha e Ultramar resolvia fundar juncto do seu Ministerio uma Comissão especial destinada a promover e auxiliar os estudos de Geographia colonial, particularmente.

Foi primeiro a proposta apresentada na Associação Commercial de Lisboa, pelo Sr. Henrique de Barros Gomes, director do Banco de Portugal e membro da Sociedade de Geographia de Lisboa. Requereram depois ao governo que organisasse e subsidiasse a expedição a Comissão do Ministerio da Marinha, sendo vice-presidente em exercicio o Dr. Gomes e vice-secretario em funções, o author, e a Sociedade de Geographia de Lisboa, á qual presidia então o Sr. Visconde de S. Januario.

Depois de largas discussões e d'uma perda irremediavel de tempo, foi finalmente organizada a expedição, não faltando ainda á formação d'ella e á escolha dos exploradores a tentativa de certas influencias egoistas muito vulgares na nossa terra. Felizmente essa tentativa teve de recuar e sumir-se, e a expedição ficou formada pelos corajosos e illustrados moços, cujos retratos acompanham este artigo.

Alexandre Alberto de Serpa Pinto, filho d'uma familia illustre pelos seus talentos e pelos seus serviços publicos, foi alumno do Real Collegio Militar e sentou praça como primeiro sargento aspirante aos 18 annos, em agosto de 1863. É hoje major d'infanteria. Prodigiosamente activo, dotado d'uma vontade de ferro e d'uma illustração larga, é um moço impetuoso e ardente, que esteve já em Africa, e que sonhava de ha muito metter-se aos adustos sertões do grande continente.

Hermenegildo de Brito Capello, é capitão-tenente d'armada e pertence áquella notavel familia que tem enriquecido os annos contemporaneos das sciencias naturaes portuguezas.

Era aspirante de marinha em 19 de setembro de 1849, e distinguio-se brillantemente na expedição d'Angola de 1860. A sua coragem fria tem lhe formado uma especie de lenda gloriosa entre os seus collegas de marinha. Solidamente illustrado, reflectido, fleugmatico, consideram-no como o *poder moderador* da expedição.

Roberto Ivens é primeiro tenente. Valente, instruido, cheio de enthousiasmo e de mocidade, entra em combate como quem entra n'uma sala de baile; tem uma vivacidade que encanta, e uma grande paixão pelas explorações e pela sciencia.

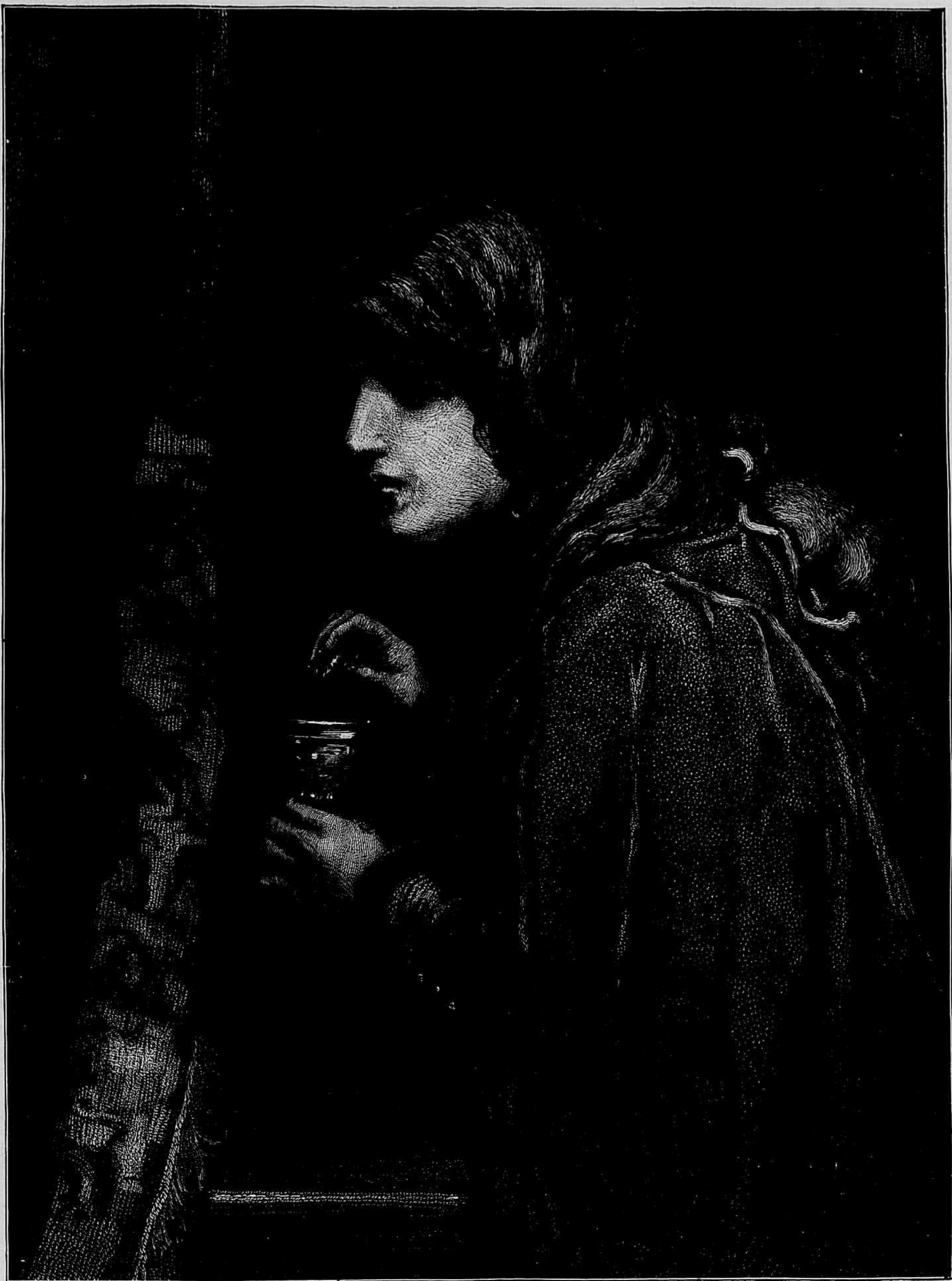
Filho d'uma honrada e laboriosa familia ingleza de ha muito domiciliada entre nós, tem as virtudes d'aquella raça e as ardencias do meiodia.

A partida d'estes bravos moços foi um acontecimento publico. Quando nas sallas da Sociedade de Geographia, cheias a transbordar, o presidente, aquella severa figura de sabio do Sr. Dr. Bocage, se ergueu para entregar aos expedicionarios a formosa bandeira nacional que uma dama portugueza lhes offerencia, não houve coração que não se sentisse extremamente commovido e em mais d'um gentil rosto de mãe ou de irmã, brilhavam as perolas d'um sentimento profundo.

É já conhecido o encontro dos nossos expedicionarios com o intrepido americano Henrique Stanley.

No dia 25 de Outubro deviam elles ter-se in-





« A TAÇA ENVENENADA »

QUADRO DE G. H. BOUGHTON

ternado pelo sertão de Benguela em direitura ao Bihe, onde completarão o pessoal da expedição. D'alli começarão a exploração das origens do Cuyene, do Quanza e do Cubango. A sua intenção é determinarem em seguida o curso d'este ultimo, irem ao encontro do Zambeze superior, completarem por este lado as descobertas de Livingstone, subirem ao Bangweolo, marcharem sobre o Nyansa e sairerem em Moçambique.

São obvias para quantos conhecem o estado do problema africano e as nossas conveniências colonias, as vantagens d'este longo itinerario.

Em artigo mais detidamente escripto o apreciaremos desenvolvidamente.

LUCIANO CORDEIRO.

## ENTERRO

DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE

— FRAGMENTO —

As lendas da India de Gaspar Corrêa com serem a mais importante de todas as nossas chronicas sobre a conquista do oriente, são também uma miúda riquissima para poetas e romancistas. Um dia virá quem a aproveite.

As vezes, em dois traços da sua linguagem rude, mas sempre pittoresca e colorida, está o germen de um grande lance para um drama ou de uma bella situação para um poema.

O leitor que tenha como eu, manuseado as lendas, ha de poder apreciar bellezas do mais subido valor, bellezas que aliás escapam n'uma leitura perfunctoria.

O estylo de Gaspar Corrêa é ingenuo e crystallino. A sua imaginação peninsular desenvolvida e excitada pelas grandes scenas a que assistio durante o periodo mais brilhante d'aquella conquista, ainda assim não altera o fundo da verdade, quando rasga o vóo e entra pelo maravilhoso na narração d'alguns factos, que já de si parecem sobre-humanos.

Quem quizer estudar Affonso d'Albuquerque na sua grandeza épica ou na modestia da sua vida intima — lêa o author das lendas. Folheando aquelles livros estamos, por assim dizer, ao canto da lareira ouvindo narrar a um amigo que nos merece a maior confiança, os episodios das suas viagens e as aventuras das suas peregrinações.

Em Gaspar Corrêa tudo é simples e por isso mesmo, quasi sempre, tudo é grande.

Por exemplo : o retrato physico e moral d'Affonso d'Albuquerque feito em duas palavras :

« Affonso d'Albuquerque passava dos setenta annos, homem de bom corpo, secco de carnes, o rosto comprido corado, a barba muito branca, comprida que lhe chegava á cintura, era muito prudente em todas as suas coisas, e escrevia muito ; conversavel á gente ; estimava muito os homens cavalleiros, era supito em sua paixão e logo arrependido ; tratou verdade ; amigo da justiça, de liberal condição para dar do seu. »

Affonso d'Albuquerque partio d'Ormuz para Gôa sentindo que estava morto. Uma fusta que vinha de Gôa e ia para Chaul passando

pela nau « Flor da rosa » onde estava Albuquerque, disse o nome do novo governador e dos capitães, o governador era Lopo Soares, os capitães Diogo Mendes de Vasconcellos, etc.

Affonso d'Albuquerque, quando ouviu os nomes, voltou-se para Diogo Fernandes de Beja, um grande valente, seu amigo, e disse-lhe :

« Que vos parece, senhor Diogo Fernandes? boas novas são aquellas para mim, que os homens que mandei presos, e de que escrevi mal, vem honrados, certamente que grandes são meus peccados ante el-rei. . . . . »

El rei de Portugal reenviava, cobertos de honras, aquelles que mandára presos para o reino Affonso d'Albuquerque, o genio que lhe fundára um imperio no Oriente...

O leão muribundo levava o coice do onágro, não da fabula mas d'esta realidade que se chama — ingratição dos homens — na sua ultima viagem.

Entrando em Gôa, assim que lhe disseram que se avistava Nossa Senhora, da ilha de Divar, ainda se ergueu, por um supremo esforço, e avistando a igreja levantou as mãos, e tornou a deitar-se. No momento de largar ferro expirou.

Então os seus valentes camaradas d'Ormuz, de Gôa e de Malaca pensaram comsigo : « Aquelle que entrou, á escala vista, duas vezes em Gôa não ha de agora entrar lá deitado. » Erá um pensamento digno de taes homens.

Vestiram Affonso d'Albuquerque, com o seu habito de Santiago, de que era cavalleiro, calçaram-lhe borzequins baixos, esporas doiradas, puzeram-lhe um saio de damasco preto de baixo do manto ; uma crispina de preto e oiro na cabeça e por cima uma gorra de veludo negro. Depois os seus capitães, os seus bravos do mar e da terra, o levaram assim assentado sobre a cadeira, posto sobre um palanquim muito direito. Era de noite, cercaram-no de brandões, para que o povo o pudesse ver bem, e ainda levantado na morte, como se o corpo d'aquelle brilhante espirito estivesse fóra das leis da humanidade e não pudesse jazer dentro das quatro tabuas d'um ataúde — nas condições dos outros homens.

BULHÃO PATO.

## A VINDA DE FRANÇA

Aquella idéa tinha-me tornado taciturno, intratavel. Eu passeava de um lado para o outro da casa, cabisbaixo, o queixo fincado no peito, as mãos submergidas nos bolsos.

O medico, chamado pór mim para o caso de um accidente imprevisto na complicada evolução de um phenomeno melindroso e tão grave, sentara-se á minha secretária e começara a ler a *Revista dos Dois Mundos*. A luz do candieiro batia-lhe na cabeça e recortava no muro a sombra do seu nariz monumentalmente ampliado. As solas dos meus sapatos chiavam no tapete, dando um gemido monotono como o das noras. A pendula com o seu tic-tic metallico separava imparcialmente os segundos para a mão direita e para a mão esquerda do sujeito de bronze que tinha em cima. E nada se ouvia senão de quando em quando o esvoaçar de uma

folha da revista que o doutor fazia voltar sob um grande dedo pallido, comprido, imponente, previamente humedecido na ponta da lingoa.

Eu começara a meditar por baixo de um boné de viagem, de xadrezes azues, que arrapcára impetuosamente do cabide e que enterrara com mão vingativa por cima das orelhas, puchando a viseira até o meio do nariz.

Havia exactamente n'esse momento dezesseis mezes, quatro dias e dez horas que eu me casára... Para que, pobre de mim?... Para isto?... Oh! não! eu casára-me para o bom fim sensato. Para ter a vida tranquilla na casa alegre. Para me disciplinar, para me systematisar, para tomar assento, para ter onde estar : uma pequena casa, um lanço de escadas não muito largas, modestas, com um tapete de quadrados vermelhos sobre um fundo côr de chocolate, passado em hastes de cobre polido; a porta entreaberta por um creado de collete branco; o salão com as duas poltronas dos *donos da casa* ao pé do fogão, um grande ramo de rosas frescas, um biombo de bambus e de setim chinez, o piano aberto, a caixa das aquarellas em exercicio sobre a pequena banca de trabalho no vão da janella; a casa de jantar appetitosa e nítida, sem moscas e sem correntes d'ar, os pecegos e os morangos na folha de vinha, a manteiga fresca em pequeninas fôrmas do tamanho de nozes sobre o guardanapo de *crochet*, a mesa posta em toalha de linho de Irlanda riscado pelo ferro, frio, macio, um pouco humido; saindo da copa, um cheiro festivo e jovial, de lacre esmagado, de vinho do Porto e de limão. E, passando n'esse interior honesto, saudavel, ver a figura casta de uma mulher, sentir na casa esse complemento vivo do meu ser, respirar o aroma calmante da sua fresca *toilette*, amar o ruido dos seus passos diligentes e a musica da sua fina voz de commando; os delicados gestos d'ella corrigindo os meus gestos bruscos, os seus dedos suaves, de melindrosas unhas côr de rosa, intromettendo-se nos actos das minhas grossas mãos asperas, requemadas pelo sol, medindo oito pontos e meio.

Foi para isso que eu me casei. Foi para isso que eu vesti pela ultima vez o meu grande uniforme de artilheiro e que a levei pelo braço desde a carruagem até o arco cruzeiro, onde o prior nos esperava de sobrepelliz e estola, com o sachristão ao lado. Ella tremia sob o grande véo branco, e segurava-se com as duas mãos ao meu pulso para não desmaiar ao estrepito, victorioso e triumphal como o de uma fanfarrá, que faziam nas lages da igreja, por entre os convidados de gravata branca, as roseitas das minhas esporas e a ponta da minha espada.

Eu era feliz, e sentia um grande orgulho em ter merecido, eu tão brutal, tão secco, tão egoista, o terno amor de uma creaturinha, tão viçosa, tão virginal e tão meiga.

No fim da cerimonia o velho prior disse-nos : « O meu particular desejo é que Deus abençoe um tão auspicioso consorcio, fazendo-o fructificar em numerosos defensores da religião e da patria. » Tive então vontade de cortar a ponta de uma orelha áquella ancião inerme. O animal, pensei eu, cuida talvez que uma senhora tão finamente delicada, tão idealmente constituida, vae para ali começar a encommendar meninos para França como qualquer estanqueira gorda e boçal!

E a idéa que um tão mimoso e fragil organismo poderia, segundo os votos do prior, con-

verter-se n'uma fabrica de pequenos padres e de pequenos maiores para servirem a religião e a patria, envolveu todo o meu jubilo n'um tenebroso crepe.

Quando na carruagem, que começara a rodar, ella me disse ao ouvido, n'um movimento de pomba, a sua primeira palavra de esposa, accordei sobresaltado como de um pesadello horrivel.

Eu detestava systematicamente as creanças. Parecia-me um erro palmar da criação que o homem tivesse precisamente de começar por ser um tapulho inutil, pouco decente, passando em seguida pelas phases provocadoras dos enormes dentes acavallados da segunda dentição e do dedo pelo nariz dos primeiros annos de escola. E havia um quarto de hora que, abismado nos meus pensamentos, eu me sentia coberto desde os bicos das botas até à pluma da barretina por um enxame de creanças que queriam ir para soldados e para clérigos. Esses pequenos, cheios de defluxo, cheios de lombrigas, cheios de uzagre, agatanhavam-se-me pelas calças com as mãos besuntadas de manteiga e de compota, babavam-se-me pela farda, assoavam-se-me às dragonas, tinham incontinencias abjectas e asquerosas sobre as minhas condecorações, sobre as minhas luvas, e berravam todos em côro n'um encançamento endemoninhado, rôxos de birra. Eu queria sacudir a temerosa visão, mas aterrava-me a desproporção medonha da minha força com a fragilidade d'esses pequenos entes implacaveis. Tinha medo, tocando-lhes, de lhes turar as moleiras, de lhes quebrar as articulações, de os estropiar para toda a vida. E no auge da minha dôr eu pensava em Herodes, e, silencioso, rangia os dentes.

Quem me diria a mim n'esse dia, quando este quadro me apparecia apenas como a visão de um sonho apocalypico, que dentro de tão pouco tempo, em dezesseis mezes, quatro dias e dez horas... e meia, eu estaria por minutos, por instantes talvez... Oh!

E dando um murro herculeo na parede, eu exclamei do fundo das minhas entranhas:

— Inferno!

O doutor, suspendendo então a sua leitura e olhando para mim por cima dos vidros da luneta, disse pausadamente, sorrindo: « Socegue, homem! socegue! Pelos esclarecimentos da senhora D. Maria Perpetua, pessoa inteiramente idonea, premiada em todas as cadeiras do seu curso pela escola de medicina, você só entrará nas suas novas funções de pae... (piscando o olho e considerando o relógio com um gesto calculativo) senão d'aquí a duas horas... »

— D'aquí a duas horas... já?!... quero dizer d'aquí a duas horas... só?!...

E, aproveitando o ensejo de poder mascarar os meus sentimentos de cobra com a minha impaciencia de pae, fiz uma visagem que devia de ser temerosa e desafoguei do peito um rugido cavo.

O doutor continuou a ler. Eu continuei a passear.

O retrato d'ella, n'uma graciosa photographia, vestida de campo, descendo uma escada de jardim, estava pendente da parede. Puz-me a olhar para ella. Pobre Clotilde! era no mez de noivos que tu sorrias assim! que assim desciás intrepidamente ao pomar, onde ias colher as hervas aromaticas para a *omelette* do nosso almoço e o ramo de violetas que trazias no peito seguro na orla do teu gracioso avental de sollicita dispenseira. Onde está agora a flexibi-

lidade da tua cintura? o arco vigoroso do teu sorriso? a virginal expressão do teu grande olhar admirado? a transparencia lactea da tua pelle? a exzuidade do teu pé?... tudo perdido, pobre Clotilde! tudo perdido! os teus bonitos pés travessos amadorram e cresceram a ponto de tu mesma imaginares que os tinhas trocado pelos meus. A linha do teu peito perdeu a graça adolescente da sua curva. A tua cintura desformou-se lastimosamente. O teu rosto cobriu-se de manchas amarelladas, baças, mofentas. A tua boca descaiu no vertice dos labios com a expressão melancolica da desgraça ou da velhice. E tudo isto por causa... ah!

E preparava-me para dar não já com o punho mas com a cabeça na parede, quando a porta do quarto se abriu discretamente e a senhora D. Maria, com a sua touca de renda preta guardada de um cacho de lilazes, appareceu e vocalizou com emphase:

— Senhor pae! participo-lhe que acaba de chegar o menino que se esperava de França.

— Bem! disse o doutor, vamos ver como chegou o menino... de França.

E saio conferenciando baixo com D. Maria.

Eu comprehendí, confusamente, que ninguém no meu caso poderia eximir-se a acompanhar em taes condições aquelles dois personagens, e segui-os com um desdem tão profundo que eu mesmo começava a aterrar-me no fundo torturado das minhas algibeiras com a impressão do que se chama ser pae.

Ao chegar à porta do quarto de minha mulher uma voz me obrigou a parar e a amparar-me à humbreira para não cahir. Era um som extranho, desconhecido, que eu não ouvira nunca... um som inarticulado que não exprimia sensação propria, a nota mais rudimentar de um organismo que afirma ao nosso ouvido a sua existencia. Era finalmente, para que o diga n'uma palavra, o primeiro vagido do meu filho.

Como poderei descrever o que então senti aquelles que ainda o não experimentaram? Imaginem-se por um momento, se podem, separados do seu proprio coração. Imaginem que esse coração ausente, ausente por um milagre da hereditariedade acha repentinamente uma voz para dizer de um canto! aqui estou! foi o que eu senti.

Tremulo, entrei cambaleando. Calculo que devia ter o aspecto de um idiota. A primeira coisa que vi foi a cabeça de minha mulher afogada nos travesseiros. Tinha a sua touca de dormir apertada debaixo da barba com um grande nó. Uma madeixa de cabello castanho, secco, desfrisado, cahia-lhe de um lado sobre a face pallida como o leite; os seus grandes olhos tinham uma expressão indefinivel de ternura, e a sua bôca entreaberta sorria com um doce encanto superior ao de todas as expressões humanas. Era um sentimento novo para mim, gerado alli de repente, mais profundo no meu ser do que o proprio amor na maior crise da paixão, o sentimento que me levava a ir ajoelhar-me ao pé d'ella, não para lhe tocar — do que eu me julgava indigno — mas para a venerar de joelhos.

O doutor, porém, trouxe o meu filho nos braços sobre uma almofada. A senhora D. Maria segurava um candieiro, cuja luz cahia em cheio do *abat-jour* sobre o delicioso bambino. Puz-me a olhar-o de perto, esfregando os olhos para o ver melhor. Elle bulia sabiamente com todos os seus musculos, bulia os olhos, as sobrance-

lhas, o nariz, as faces, os braços, as pernas, as mãos, os dedos dos pés, como se quizesse mostrar-me que estava perfeito e na plena posse de todos os seus meios para servir a religião e a patria, como o padre prior me disséra.

— Meu general! gritei-lhe eu, querendo beijal-o na bôca.

Mas o medico affastou-me com o cotovello, observando-me que seria vantajoso para que o menino não morresse suffocado, que até os oito dias eu me abstinhesse de o beijar dos joelhos para cima. Peguei-lhe de vagarinho, com um cuidado religioso, nos seus pésinhos papudos, redondos, de unhas pequenas como cabeças de alfinetes, e calcei-os em enormes alpargatas de soffregos e estrepitosos beijos.

Sentiram que eu não podia mais. Aproximaram um *fautuil*, onde eu caí. Extrahiram-me o boné, que pouco antes eu encasquetara de raiva. Eu chorava... porque diabo o não hei de confessar fielmente? eu chorava em soluços e amordaçava-me nos xadrezes azues para não dar gritos de alarmar todo o bairro.

A senhora D. Maria estava ao meu lado com um copo d'agua com flor de laranja. O medico estava do outro lado, com a mão sobre o meu hombro, e dizia-me:

— Vamos!... vamos!... então!

Ha bastantes annos que isto foi. O menino que chegou de França n'essa noite tem o tamanho de um granadeiro, come-me as papas na cabeça, e a sua mão attingiu as proporções de oito pontos e trez quartos.

Desde então porém até hoje, a impressão que me produziam as crianças modificou-se bem singularmente: não vejo uma que me não lembre de que ella deu a seu pae, uma commoção igual á que eu tive; paro sempre um momento para a contemplar, e não prosigo nunca sem olhar, uma vez pelo menos, para traz.

RAMALHO ORTIGÃO.

## DOLCE FAR NIENTE

A nossa gravura é copia do quadro de Carlos Landelle, um dos mais conhecidos pintores da moderna escola franceza. O desenho é de Davis e a gravura de Jonnard — dois distinctos artistas americanos.

A scena passa-se áquella hora em que já não é dia e em que ainda não é noite. É a hora em que a alma se expande e segue as ondulações da luz crepuscular, ora mergulhando nas recordações saudosas ora amparando-se á esperanza animadora.

Encostada á columna do sumptuoso palacio a gentil *contadina* com o olhar embelezado na luz do formoso céu italiano, deixa o seu espirito vaguciar no horizonte infinito das idéas fluctuantes.

Em que pensas adoravel creatura?

Na tua mãe? Nos irmãos pequenitos? Nos que já não vivem? No noivo? No primeiro beijo? Na ultima festa? Na proxima? Em Deus? No peccado? Na virtude? Na vida? Na morte? Em ti?

Nem tu sabes. Talvez em coisa nenhuma, adoravel mysterio de encanto e poesia.

## A TAÇA ENVENENADA

Não é preciso olhar para o titulo do quadro para ver que as intenções d'aquella joven não são das mais benevolas. O olhar sinistro, a compressão dos labios, a attitude suspeitosa designam bem a malvadez da acção, de ha muito premeditada, e agora em termos de ser levada a effeito.





SALVAS !

DESENHO DE J. S. WATSON

Atraz d'aquella ligeira cortina, está um parente que talvez se tenha tornado odioso pela sua prudencia, ou por ter impedido, em consequencia de prejuizos de raça, a realisação de algum projecto de amor apaixonado. Seja como fór, n'aquelle leito de dôr, vae-lhe apparecer aquelle inimigo, disfarçado em anjo de caridade e consolação, e trazendo consigo agonias mortaes.

Este quadro é propriedade do sr. Fletcher Harper de Nova York, e pintado por G. H. Baughton.

Como os nossos leitores sabem, a maior parte das gravuras em madeira são feitas por operarios mais ou menos habéis. Exaggeramos geralmente, quando dizemos: esta gravura foi feita por tal artista.

A palavra « artista » está alli em vez da palavra « operario ».

Na gravura, porém, de que nos occupamos, « a taça envenenada, » o caso é differente.

Esta gravura é de um verdadeiro artista, cujo nome sentimos não poder dizer. Só um artista, na verdadeira acceção da palavra, poderia realisar na madeira a expressão d'aquelle rosto. O processo é finissimo e original. Dir-se-lia que o artista soube alliar a firmeza dos traços da agua-forte, com a finura das linhas do buril no cobre, para fazer um prodigio, que sem perder as qualidades da gravura na madeira, pareça derivar d'aquelles processos. É uma gravura feita por um verdadeiro artista.

A proposito de uma outra que esperamos publicar no proximo numero, explicaremos mais detidamente este assumpto aos nossos leitores.

## OS JOGADORES DE XADREZ

Nada diremos da origem do jogo do xadrez: não examinaremos se este jogo foi inventado por Palaméde para suavisar «: tédios do cerco de Troya, como alguns pretendem, ou pelo preceptor d'um príncipe índio que, por prémio da sua invenção, reclamara um grão de trigo pela primeira casa do taboleiro, dois pela segunda, quatro pela terceira, oito pela quarta, e assim por diante em proporção geometrica até á sexuagessima quarta, o que dera em resultado obrigar o esturdiado do discipulo a arruinar o seu povo e a declarar-se fallido. O mais simples é admittir que o jogo do xadrez, assim como o caminho de ferro, os tramways, a imprensa e a agua circassiana, foram conhecidos dos chinas uns poucos de milhares de séculos antes da criação de Adão, o primeiro homem, segundo a nossa chronologia.

Não tentaremos tambem resolver se o xadrez é um jogo ou uma sciencia. Um alumno qualquer da Escola Polytechnica, em quanto vae fallando as bolas mais faceis, dir-lhes-ha, que o jogo do bilhar é uma sciencia, e que segundo as leis da dynamica póde-se carambolar em todas as bolas, quaesquer que sejam as suas posições. Pela mesma forma quem fôsse capaz de reter de memoria todas as analyses contidas nos centos de tratados escriptos acerca do xadrez, não encontraria rival diante d'um taboleiro.

Moisés Mendelsshon, avô do compositor, dizia do xadrez que, considerado como occupação séria era demasiado frivolo, e como jogo, demasiado sério. Para não offendermos ninguém, diremos que o xadrez é a mais divertida das sciencias e o mais scientifico dos jogos.

Os proprios jogadores do xadrez se ufanam em repetir que os trez principios do sanguinolento jogo da guerra se adaptam perfeitamente ao seu jogo favorito. Effectivamente, segundo a grande obra do general Jomini, os exitos de Napoleão primeiro resultavam da applicação de trez combinações: em primeiro lugar, a arte de dispor as linhas d'operação pela forma mais

vantajosa; depois a habil concentração das forças, com a maior rapidez possivel sobre o ponto mais importante da linha das operações do inimigo; e, por ultimo, o talento de dirigir essas forças accumuladas, simultaneamente, contra a posição que se tratava de arrebatar. O bom jogador de xadrez conhece a fundo estes trez principios, e não conhece outros quando se trata de atacar. Na defleza, o principio fundamental do xadrez, é o mesmo que o da guerra: a base d'um plano d'ataque deve formar ao mesmo tempo a melhor linha de defleza. No entretanto não se deve concluir de tudo isto que de um bom jogador de xadrez se faria um excelente general, nem que está na mão de todos os grandes capitães o serem jogadores de xadrez de primeira ordem.

Frederico o Grande e Napoleão primeiro, para não fallarmos senão d'estes, gostavam, por igual, do xadrez e da guerra. Ainda hoje se vê no café da Regencia, na rua de Saint-Honoré em Paris, lugar de reunião principal de todos os jogadores de xadrez do mundo, a meza em que o tenente Bonaparte manifestava um talento de terceira ou quarta ordem. Algum tempo depois, perdia com o general Duroc, que tambem não era lá muito forte n'esse jogo. Frederico, esse, não jogava nem com os ajudantes de campo nem com os generaes; fazia a sua partida com um judeu polaco, com quem perdia sempre.

— Porque é que acontece, perguntou-lhe um dia o rei, que eu não ganho nunca?

— Ah! senhor, respondeu o Polaco, se eu podesse collocar esta minha cabeça sobre esses hombros!

Ainda elle não tinha acabado e já Frederico lhe tinha quebrado a real bengala sobre a vaidosa cabeça e levantado a sessão.

Os profanos julgam que é necessario possuir-se dotes notaveis para se ser mestre no jogo do xadrez e que um bom jogador está apto para qualquer emprego, desde a redacção d'um jornal até ao governo do Estado. É um erro profundo!

Regra geral: um jogador muito bom de xadrez não serve para mais nada senão para jogar o xadrez. Conhecemos apenas duas ou trez excepções a esta regra; Philidor, que era um compositor de mérito, e o inglez Buckle, que não obstante ser um dos primeiros jogadores do seu tempo, deixou uma obra prima immorredora: a *Historia da Civilisação em Inglaterra*. Comprehender-se-ha isto facilmente quando se pensar que são necessarios muitos annos de estudo e de exercicio para se chegar a ser um jogador de primeira ordem, e ter um tirocino constante do taboleiro para não decahir. Ainda bem que os grandes litteratos, como Voltaire, Rousseau, Diderot, resistiram á tentação de brilharem entre os primeiros jogadores do xadrez. Se não fosse assim o mundo ficaria privado de muitas obras primas. Sem embargo, Rousseau desperdiçou com este jogo muito do seu tempo precioso, e muita da sua energia intellectual. Depois de estudos sem fim, que fazem lembrar os do homem da martingale infallivel, Rousseau julgou que tinha descoberto uma nova theoria, a qual o tornava invencivel no xadrez. Foi-se em continente ao café da Regencia onde levou uma tósa de mestre dada por um jogador de sexta ordem. Felizmente foi essa a ultima partida que jogou João Jacques.

Não é possivel chegar-se a ser superior no xadrez, se não se tiver disposição natural para o jogar. É o que falta á maior parte dos jogadores;

por isso nunca deixam de ser mediocres. Muitas pessoas apprendem o jogo do xadrez para fazerem crer que são d'uma intelligencia notavel; outras porque é um jogo mais barato do que as cartas ou o bilhar; outras para irem com Franklin que julgava ser este um exercicio salutar para o espirito; por fim ha os maridos que, mortificados em casa pela impertinencia das esposas, procuram no taboleiro o esquecimento das amofinações domesticas.

Entre os jogadores mediocres, o fallecido duque de Brunswick foi um dos mais celebres. Com quanto fôsse apaixonado pelo jogo, cultivava-o com economia. Uns poucos d'annos antes de morrer, pediu ao Sr. Kolisch, um dos melhores mestres contemporaneos, para passar uma noite na sua casa extravagante da avenida de Friedland. Kolisch fez despesas extraordinarias para se appresentar com um vestuario digno da conjuntura, e, depois de ter jogado toda a noite, recebeu das mãos de Sua Alteza Real a quantia de dez francos. Teria ganho pelo menos vinte se tivesse passado a noite no Grand-Café, como elle costumava então, e escusara ter calçado luvas côr de manteiga.

Pelo que diz respeito a este excentrico duque, morreu, por assim dizer, diante do taboleiro; deixou o jogo para ir a um quarto proximo, dizendo: « Não trapaceie! » Fôram as suas ultimas palavras. Poucos minutos depois, como elle não viesse, fôram á procura d'elle e encontraram-no morto, n'uma cadeira de braços.

Os jogadores mediocres, os pexotes, são justamente os que gostam mais de jogar o xadrez. Para dois jogadores de primeira ordem, uma partida não é já um divertimento, é um trabalho de cabeça excessivamente penoso. O novato vae sempre para diante, com toda a franqueza, sem desconfiar das infinitas combinações a que as trinta e duas peças do xadrez dão lugar; enquanto que o verdadeiro jogador calcula de antemão de cinco a vinte e cinco lances e á vezes mais. Se a um jogador d'essa ordem é difficil ganhar a um adversario do mesmo calibre, ás vezes é-lhe muito mais difficil perder com um pexote. Effectivamente, todas as vezes que um bom jogador, querendo perder, deixa cercar uma ou varias das suas peças, o mau jogador pisca com malicia os olhos e não haja medo que as coma com receio de cair n'alguma rêde. É assim que ás vezes uma pessoa se vê obrigada a ganhar a partida, sem querer.

Podia-se encher um volume com a enumeração dos differentes typos de jogadores de xadrez. Ide ao café da Regencia, entre as duas e as seis da tarde, e vereis o jogador que está de tal modo absorto no seu jogo, que vae absorvendo todas as bebidas que encontra ao seu alcance, e ao mesmo tempo mettendo na algibeira todas as caixas de rapé dos visinhos. Lá achareis tambem o doutor X... que vieram um dia chamar, para um doente que estava muito mal.

« Mais um lance, disse o doutor ao homem que o vinha chamar, e depois vou consigo. »

— E então, doutor, perguntaram-lhe quando voltou, como vae o doente?

— Mal, respondeu o doutor, está muito mal, extremamente mal.

E continuou a jogar.

Este mesmo, indo ver um outro doente pela manhã, em quanto lhe tomava o pulso, perguntou-lhe:

— Já rocou?

— Já doutor, respondeu o outro que lhe conhecia a paixão pelo jogo.

— Então vae a coisa bem. É que é preciso rocar sempre a tempo.

Afóra os jogadores, ha ainda os espectadores, a galleria, que merece ser observada. No café da Regencia considera-se como maxima que a galleria tem obrigação de estar callada, mas raras vezes assim acontece. Temos visto muitas vezes dois espectadores, um a favor dos brancos, e o outro dos pretos, acabarem por arrancar o taboleiro das mãos dos jogadores, e continuarem elles a partida. Ha tambem o espectador que demonstra sempre que o que perdeu podia ter ganho. A esse responde-se sempre que para que se perca uma partida é preciso que alguém a ganhe, e volta-se-lhe as costas.

Entre os homens politicos de nosos dias, o Sr. Grevy tem fama de ser um bom jogador de Xadrez; mas o Sr. Thiers merece maior gratidão da parte dos jogadores. É talvez o unico Mecenas que este jogo conhece; quando foi ministro do rei Luiz-Philippe, concedeu uma pensão a Labourdonnais, mestre de todos nós, e o melhor jogador dos tempos antigos e modernos.

Para concluirmos, daremos dois conselhos áquelles dos nossos leitores que estejam tentados a apprender este interessante jogo. Os que tiverem que empregar sériamente o seu tempo, não joguem nunca ao xadrez sem terem concluido todos os negocios do dia. Os que fôrem casados não joguem nunca com as suas mulheres, salvo dando-lhes uma torre de partido. Nada ha que torne uma pessoa mais soberba nem mais desdenhosa do que a superioridade no xadrez. Lembrem-se do judeu de Frederico o Grande e sejam prudentes.

J. O'GALLIGHAN.

### SALVAS!

Todas as costas da Inglaterra teem hoje os novos appparelhos que servem para communicar com os navios em perigo. Estes appparelhos consistem simplesmente n'uma corda delgada e em dois instrumentos que se empregam alternadamente conforme as circumstancias.

Consiste o primeiro n'um foguete, ao qual se prende a corda, e que é lançado na direcção do navio, com o fim de procurar fazer com que os de bordo se apoderem d'ella no momento em que cáe. Este meio é empregado com exito quando o navio está em boa posição e se pode lançar o foguete de modo que este possa passar alem do navio e permittir que as pessoas de bordo possam deitar a mão á corda.

O outro instrumento é uma peça especial a cujo projectil vae preza a corda. Segundo os casos empregam um ou outro d'estes meios, e é raro que se não consiga transmittir aos naufragos a corda salvadora.

A essa corda vae preza outra muito mais grossa.

É esse cabo que se fixa solidamente a um mastro do navio de um lado, e em terra a outro para isso previamente preparado. Uma roldana corrediça com um cestó que lhe fica pendente serve para transportar as pessoas, e por ultimo os objectos preciosos quando é possível. Estabelece-se assim um vai-vem, no qual a roldana com o cestó correm sobre o cabo, puchados de um lado e outro pela corda delgada, cuja extremidade fica em terra.

O artista que desenhou este quadro admiravel, escolheu o momento em que aquelle colosso vae depôr o seu precioso fardo. A commoção fez succumbir a mãe no momento em que se vio salva com o seu filho; mas nada iguala a luz radiante que se desprende do olhar innocente da criança, serena e tranquilla n'aquelle trance angustioso.

## UM CONTO DO GHETTO.

NÃO PODER MORRER.

Era noite; o silencio era profundo; de repente o Schamasch (sachristão) julgou ouvir o martello de pão com que chamava pela manhã e á noite os fieis á synagoga, oscillar levemente para cima e para baixo.

— O martello não me deixa dormir, disse elle á filha, que tambem ouvia aquellas pancadas ligeiras e estranhas.

— É alguém que está a morrer na nossa rua, disse ella estremecendo; e immediatamente cheia de terror começou a rezar em voz alta: « Schemah Israel (Ouve Israel)! é o rabino que está a morrer. »

N'aquelle mesmo instante o martello cessou de bater; mas ouviu-se alguém que batia á janella do lado de fóra, gritando:

— Levantem-se e batam ás portas para chamar gente á synagoga; é necessario resar psalmos, que o rabino está á morte.

E então no meio da noite silenciosa, ouvia-se bater a todas as portas as trez pancadas sabidas do martello.

A filha do Schamasch estremecia até ao fundo da alma cada vez que ouvia o pae bater ás portas das casas. E quando a ultima pancada dada na ultima porta lhe tinha acabado de reboar aos ouvidos, disse:

— Foi agora que o rabino deu o ultimo suspiro.

E não poudo deixar de verter lagrimas ardentes. A recitação dos psalmos sustinha a alma do rabino prestes a abalar, e as sombras da morte não se tinham ainda desvanecido á roda d'elle.

Pela manhã sentio-se peor e então os discipulos começaram a lamentar em altas vozes. Fôram buscar um grande pedaço de cera e um pavio, mediram a estatura do doente, e fizeram com o modelo um cirio gigantesco.

Cobriram o cirio com uma mortalha, e levaram-no para o cemiterio, onde o enterraram ao lado dos mortos.

Apezar d'isso, tiveram que servir-se da mesma medida do corpo do rabino, para fazerem as seis taboas do caixão.

— Deus! Deus poderoso! exclamaram os discipulos, o que havemos de fazer para que o rabino não morra?

— Vamos reunir annos para elle, respondeu um d'elles, talvez que Deus nos oiça.

Um dos discipulos foi-se de casa em casa, com um papel na mão, no qual cada um inscrevia o numero de annos, semanas ou dias que dava da sua propria vida para o rabino moribundo.

A filha do Schamasch estava justamente á porta na occasião em que o discipulo passava com o papel.

— E tu, disse elle, dirigindo-se a ella, não darás nada para o rabino?

— Dou-lhe a minha vida, a minha vida toda, disse ella soluçando.

— Escrevo o que acabas de dizer?

— Escreva! escreva!

O discipulo, então, inscreveu a vida de Anelê.

Logo no mesmo instante o rabino melhorou e no dia seguinte enterrava-se o cadaver de uma joven no cemiterio.

Era o da filha do Schamasch.

A joven tinha hesitado tão pouco em ir fazer companhia aos mortos, quando o rabino tinha repugnancia em fazer desaparecer o seu nome do livro dos vivos.

Nos primeiros dias de convalescença, o rabino andava alegre e bem disposto; recuperou um vigor extraordinario. Depois tornou-se triste e pallido. Ninguém sabia a que attribuir o mal.

Effectivamente ninguém sabia, que pela noite adiante, quando o rabino estava assentado, estudando a *Guémará*, aberta diante d'elle, ouvia-se, em baixo, no pateo, um canto subtil; e que cada vez que o rabino abria a janella, apercebia defronte d'elle uma joven bonita, cujo sorriso gelado pela morte, elle via brilhar até acima, por entre o véo das trevas.

— Agora, pensava então o rabino, podia ella estar livre e cantar como os passaros no ar.

E no silencio da noite, regava com as suas lagrimas as grossas paginas da *Guémará*.

Uma vez por volta da meia-noite, lamentosos gritos de angustia soaram á roda da casa; eram sons estranhos como os que são arrancados pela dôr.

Pouco depois, ouviu os vagidos de uma creança recém-nascida.

— Oh desgraça! exclamou o rabino, fui eu que a despojei d'essa alegria.

E todas as noites, desde então, começou a ouvir os mesmos vagidos entremeados das cantigas com que as mães embalam as creanças; e estes cantos arrancavam-lhe lagrimas do fundo do coração.

Os gritos de dôr repetiram-se seis vezes; depois, de cada vez, vinha a creança recém-nascida, e no fim aquellas arrebatadoras cantilenas infantis.

Depois d'isto, um grande silencio.

Outra vez ainda, ouviu-se soar um canto alegre e jubiloso e o rabino disse:

— Agora, é o primeiro filho que festeja a iniciação religiosa, e fui eu que a despojei d'essa alegria.

O silencio restabeleceu-se novamente.

Alguns annos depois, soaram outra vez os cantos de jubilo e o rabino disse:

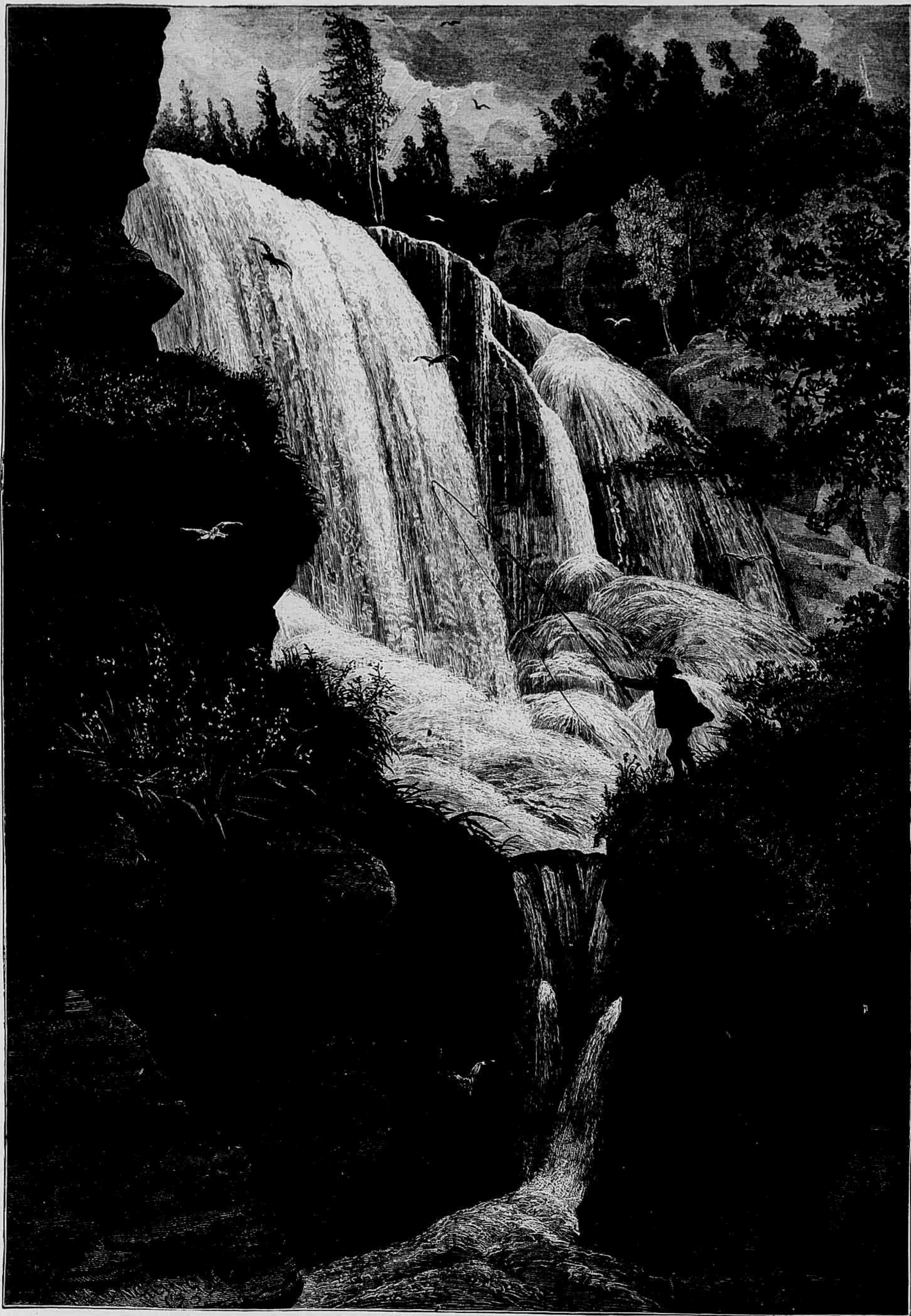
— Agora, conduz ella a filha ao thalamo nupcial; oh desgraça! desgraça! essa satisfação arrebatou-lh'a eu.

Cada vez que ouvia a voz, não era já nem lamentando, nem chorando, mas sempre em cantos deliciosos e suaves, e o rabino dizia:

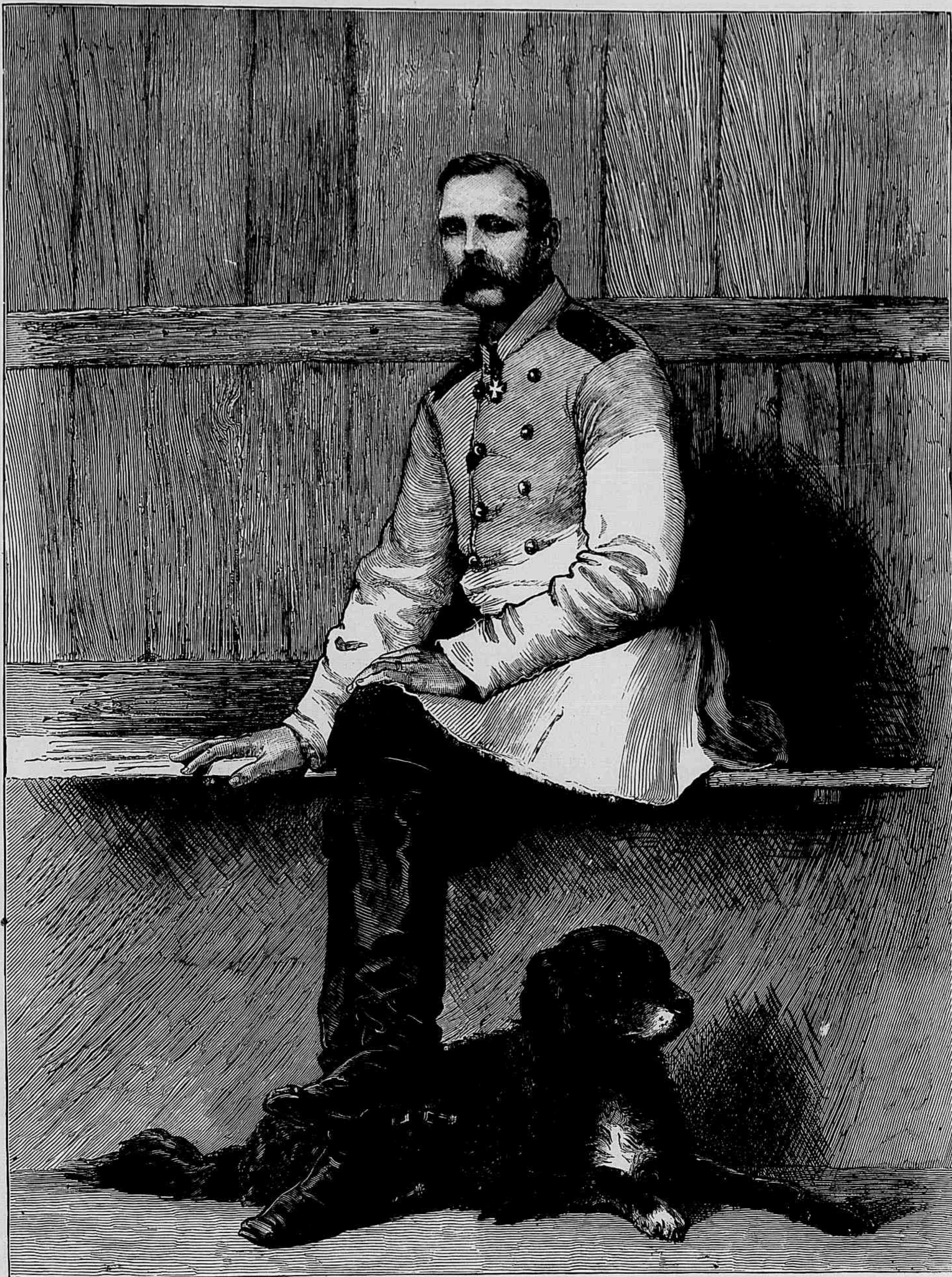
— Teria sido uma mãe feliz, e fui eu que destruí a sua felicidade.

Foi assim que o rabino viveu toda a vida da joven.

Teria dado muito para ouvir, uma vez só que fôsse, em vez d'aquellas deliciosas melodias, algumas queixas amargas; por essa fôrma, ficaria certo que lhe caberia conhecer a desgraça n'este mundo; mas o seu desejo não se cumpriu, e o rabino vertendo lagrimas sobre a *Guémará*, dizia:



A CATARACTA DE SAWKILL  
PENSYLVANIA (ESTADOS UNIDOS DA AMERICA)



ALEXANDRE II, CZAR DE TODAS AS RUSSIAS

DE UMA PHOTOGRAPHIA TIRADA EM GORNY STUDEN

— Pois que! é possível que tivesse de ser feliz a um ponto d'estes!

Então desejava morrer, consumir-se; aquelle canto fatigava-lhe a vida.

Todavia, não podia morrer. Estava velho e decrépito; todos os co-religionarios tinham descido á cova antes d'elle; as próprias crianças, que na infancia elle tinha abençoado, vias depois encostadas ás muletas, velhas, tristes e caducas, zombarem da morte em vão, e morrerem. Mas elle não podia morrer.

— Quando chegará esse momento, mulher? perguntava elle muitas vezes; quanto tempo queres tu viver ainda?

Então, ouviu-se uma vez, pela volta da meia noite, soar no fundo do pateo um lamento semelhante ao de um moribundo.

— Agora, morreu, disse o rabino; Deus seja louvado para todo o sempre!

— No dia seguinte, ao romper da manhã, os bochrim (madrugadores) foram dar com elle, sem vida, com a cabeça deitada sobre a *Guémara*.

LEOPOLDO KOMPERT.

## A CATARACTA DE SAWKILL

É no centro d'uma das mais pittorescas regiões da America do Norte, que se despenha esta cataracta.

O rio de que toma o nome não é dos mais reputados pela sua largura nem pelo seu comprimento. Mas junto ao Delaware, entre a Pennsylvania e a Nova Jersey apresenta um dos espectáculos mais grand'osos que se pode imaginar. Poucas cataractas podem rivalisar com esta em magestade e belleza, não só pela altura da queda d'agua, como pela formosura das margens que lhe servem de quadro.

## GUERRA DO ORIENTE

O CZAR NO CAMPO

Este retrato representa o Imperador da Russia no costume de campanha em Gorny Studen. Nenhuma pompa nem conforto monarchico o rodeiam a elle nem aos do seu sequito. A sua residencia é uma simplicissima casa Bulgara feita de tijolos, apenas servida por dois Circassianos, sendo a vida que leva tão simples como a morada. Deite-se tarde ou cedo, levanta-se sempre logo pela manhã, empregando as primeiras horas nos negocios correntes. Ao meio dia toma uma refeição na sua tenda, entre os do seu sequito, torna a trabalhar, e depois vai dar um passeio.

As seis janta, toma chá ás nove, e habitualmente ás dez e meia deita-se. Nos dias santos este programma soffre modificações, e então o Czar monta a cavallo de grande uniforme rodeado pelo estado maior, e vai revistar as tropas ou visitar os hospitaes, onde a sua vinda é acclamada com immenso prazer pelos doentes, por quem elle manifesta a maior bondade e sympathia, conversando com alguns, e trazendo em certas occasiões um monte de presentes consigo. Trabalha muito, e quando lhe é possível examina as coisas com extrema minucia.

## REVISTA BIBLIOGRAPHICA

*Discurso recitado na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, na sessão de abertura de anno lectivo de 1877-1878, pelo lente de anatomia pathologica JOSÉ CURRY DA CAMARA CABRAL.*

Este discurso é o elogio academico de dois illustres professores, fallecidos no decurso do corrente anno. É a

commemoração dos serviços prestados á medecina e á escola de Lisboa pelos drs. Bernardino Antonio Gomes, e Manuel Carlos Teixeira; o primeiro um nome illustre pelas tradições de seu pai, cuja celebridade redobrou com a reputação scientifica do filho; o segundo um clinico tão afamado, quanto douto cathedratico.

O sr. Curry Cabral analysa com elevado criterio as qualidades caracteristicas destes dois homens de sciencia, e para que ellas se tornem vivas e comprehensíveis, estuda ao mesmo tempo o meio social em que elles exercem a sua actividade, e a epoca em que vivem.

O homem não é uma entidade abstracta e metaphisica. A sua individualidade agita-se n'um meio activo que a modifica, e que explica a sua existencia, ou para melhor dizer, a maneira dessa existencia. As suas qualidades moraes, e as suas faculdades potenciaes reagem incessantemente sobre o meio que as cerca, e recebem incessantemente a repercussão dos phenomenos externos.

É sob este ponto de vista que o distincto professor da escola de medecina escreve os traços biographicos dos seus illustres predecessores.

As paginas em que o sr. Curry Cabral procura definir o caracter social do medico são escriptas com grave reflexão, e com o tom profundamente affirmativo das honestas convicções.

Aos seus provados talentos medicos, junta o sr. Cabral as qualidades de escriptor distincto.

*Discurso inaugural proferido na sessão solenne da abertura das aulas do Instituto Geral de Agricultura, por João IGNACIO FERREIRA LAPA.*

São quarenta paginas escriptas com o calor de quem professa pelas sciencias especiaes que se ligam á industria agricola o amor e a dedicacão de uma vida constante de trabalho intellectual. A importancia da agricultura, e a necessidade do desenvolvimento do ensino agricola no nosso paiz são expostas com extrema lucidez, e por vezes com eloquencia. O distincto professor do Instituto Agricola consagra-se com zelo infatigavel a esta util propaganda.

*Contemporaneos illustres, por F. I. PINTO COELHO.*

O primeiro volume desta obra, um volume de mais de quatrocentas paginas é a biographia de conselheiro de estado Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello. Este livro é acompanhado pelo retrato photographico do antigo presidente de conselho, e desenvolve largamente todos os factos historicos da sua vida politica.

*Elementos de arte militar, por D. LUIZ DA CAMARA LEME, coronel do corpo de estado maior.*

Publicou-se em 2ª edição, o Tomo 2º desta obra, impressa na Imprensa Nacional de Lisboa. Este segundo tomo trata das fortificações passageiras e improvisadas, castrametacão e noções de fortificação permanente. O livro é acompanhado por muitos desenhos e gravuras.

A competencia do author nos assumptos militares basta para recomendar este livro aos que precisam estudar esta materia.

JOÃO TEDESCHI.

## VARIEDADES

O TELEPHONE. — Por toda a parte não se faz outra coisa senão experiencias com o novo apparelho. Ultimamente experimentou-se com bom exito o telephone entre Bordéos e Margaux (28 kilometros), e entre Bordéos e Soulac (95 kilometros).

Na Prussia o governo estabeleceu varias estações telegraphicas munidas com os novos apparelhos. Essas estações são nos districtos postaes de Potsdam, Halle, Magdeburgo, Stettin e Berlim.

Varios jornaes allemães já annunciam a venda de pequenos telephones para uso particular, de fabricas, hoteis, etc. por módico preço.

A ultima innovação consiste em poder-se conservar indefinidamente a voz transmitida.

Assim, por exemplo, uma pessoa communica com

outra, por meio do telephone. A pessoa que recebe o despacho necessita ausentar-se por algum tempo de ao pé do apparelho. Não tem mais nada a fazer senão fechalo e quando volta, ou seja d'ahi a uma ou duas horas ou no dia seguinte, basta abrir o apparelho para que elle falle. Emquanto esteve fechado guardou a conversa que lhe confiaram, mas logo que o abriram, explicou-se. Como vêem o melhoramento é engenhosissimo.

UMA CASA DE PAPELÃO. — Acaba de se construir em Nova York uma casa de cartão. Constituiu-se uma sociedade para explorar o processo, e já fabrica por dia 16 toneladas de cartão comprimido. A nova composição tem o aspecto d'um cartão sólido, preparado em pedaços de 32 polegadas de largura e pezando 50 kilos. As fibras d'esta massa submettidas a uma pressão de uns poucos de centos de toneladas, condensam-se e unem-se de forma que não é possível cortal-as. Como o cartão é máo conductor do calorico, uma casa construida com esta materia é quente no inverno e fresca no verão.

O CONSUMO D'AGUA EM PARIS. — O consumo d'agua em Paris sobe, contando a que se gasta na alimentação e a do serviço municipal, a 500 milhões de litros por dia, correspondendo a uma média de 250 litros por habitante.

OS HOTEIS DE PARIS. — Ha em Paris 8,700 casas mobiladas, 110 hoteis de primeira ordem, 510 de segunda e 7,900 de terceira. A média annual das entradas é de 850,000 hospedes.

OS BOTES SALVA-VIDAS. — A instituição nacional dos barcos de salvacão celebrou ultimamente a sua sessão annual.

Os barcos salvaram a vida, em 1877, nas costas da Gran-Bretanha, a 743 pessoas

Os animaes ferozes fazem prejuizos consideraveis todos os annos na India Inglesa.

A estatistica d'este anno apresenta um enorme progresso do mal. Effectivamente, 19,273 pessoas e 53,830 animaes domesticos foram victimas dos tigres, das cobras, etc.

É de tradição em Inglaterra servir-se á meza dos reis no dia de natal, uma assado enorme. A peça de carne, que ornava a meza da rainha Victoria este anno, pezava 150 kilos.

C..., que é cego, recebeu um convite para jantar.

O banquete durou duas horas. No fim um criado approxima-se de C... e dá-lhe o braço para o conduzir á sala.

— Diga-me cá uma coisa, pergunta o cego com muito interesse, reparou se comi de tudo?

Uma dama na tribuna da camara dos deputados:

— Que pouca vergonha! annullarem a eleição do meu marido. Os eleitores que lhe dêem para traz o seu dinheiro! que não foi tão pouco o que elle gastou para sair deputado!

Propriétaire-Gérant: SALOMON SARAGGA.

Paris. — Typ. Tolmer et Isidor Joseph, r. du Four-Saint-Germain, 43.

Encre de la maison Poulon et Co, à Ivry-Paris.

# VIAGENS MARAVILHOSAS

AOS MUNDOS CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

POR

JULIO VERNE

VERSÃO PORTUGUEZA ILLUSTRADA

DA TERRA À LUA		reis	VIAGEM AO CENTRO DA TERRA		reis
1 vol. com 43 grav. (2ª edição) brochado.....	900		1 vol. com 35 grav.....	1.000	
À RODA DA LUA			VINTE MIL LEGUAS SUBMARINAS		
1 vol. com 44 grav. (2ª edição) brochado.....	900		1.ª parte, O HOMEM DAS AGUAS, 1 vol. com 54 grav. brochado..	1.000	
A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS			2.ª parte, O FUNDO DO MAR, 1 vol. com 60 grav. brochado....	1.100	
1 vol. com 58 grav. brochado.....	1.000		A ILHA MYSTERIOSA		
AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS			1.ª parte, OS NAUFRAGOS DO AR, 1 vol. com 52 grav. brochado..	1.100	
1.ª parte, OS INGLEZES NO POLO NORTE, 1 vol. com 135 grav. br.	1.100		2.ª parte, O ABANDONADO, 1 vol. com 52 grav. brochado.....	1.100	
2.ª parte, O DESERTO DE GELO, 1 vol. com 135 grav. brochado.	1.100		3.ª parte, O SEGREDO DA ILHA, 1 vol. com 50 grav. brochado...	1.100	
CINCO SEMANAS EM BALÃO			MIGUEL STROGOFF		
1 vol. com 76 grav. brochado.....	1.100		1.ª parte, O CORREIO DO CZAR, 1 vol. com 46 gravuras.....	1.000	
AVENTURAS DE 3 RUSSOS E 3 INGLEZES			2.ª parte, A INVASÃO, 1 vol. com 46 grav. brochado.....	1.000	
1 vol. com 54 grav. brochado.....	900		O PAIZ DAS PELLAS		
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT			1.ª parte, O ECLIPSE DE 1860, 1 vol. com 52 grav.....	1.000	
1.ª parte, AMERICA DO SUL, 1 vol. com 72 grav. brochado...	1.100		2.ª parte, A ILHA ERRANTE, 1 vol. com 53 grav.....	1.000	
2.ª parte, AUSTRALIA MERIDIONAL, 1 vol. com 54 grav. broch.	1.100		A CIDADE FLUCTUANTE		
3.ª parte, OCEANO PACIFICO, 1 vol. com 48 grav. brochado....	1.100		1 vol. com 42 grav. brochado.....	1.000	

## AVENTURAS DE TERRA E MAR

PELO CAPITÃO MAYNE-REID

Collecção de Romances instructivos, illustrados pelos principaes Artistas francezes

O DESERTO D'AGUA		OS PLANTADORES DA JAMAICA	
2 vol. com 24 grav. brochados.....	1.000	2 vol. com 23 gravuras, brochados.....	1.000
OS NAUFRAGOS DA ILHA DE BORNÉO		OS JOVENS ESCRAVOS	
2 vol. com 23 gravuras, brochados.....	1.000	2 vol. com 23 gravuras, brochados.....	1.000

Qualquer d'estas obras encadernada em percalina, impressa a preto e ouro fino : 1.400 reis

À VENDA NA EMPRESA HORAS ROMANTICAS, RUA DA ATALAYA, 42, LISBOA

# GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

## Perfumeria de Luxo.— Artigos Recomendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.— SAPOGETI, Sabonete de toucador.— Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.— CRÈME de FRAISES para amaciar a pelle.— Pós de CYPRISS para branquear a cutis.— STILBOIDE Cristallizado para o cabelo e barba.— AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.— SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.— FLORES NOVAS para o lenço.— Agua de CÉDRAT e Agua de CHYPRE para o toucador.

### PAPEL RIGOLLOT

OU  
MOSTARDA EM FOLHAS PARA  
SINAPISMO.

Medalha de Prata  
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO  
Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA  
Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875

Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas ambulancias e hospitais militares, pela marinha nacional franceza e pela marinha real ingleza, etc., etc.

« Conservar a mostarda todas as suas propriedades, obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento o possivel um effeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado. » (A). Bouchardat. *Annuaire de Therapeutica*, 1868.

#### AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos freguezes que se acatelem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir o papel Rigollot para sinapismos. O nosso papel e o unico adoptado pelos hospitais civis, e militares e a bordo dos navios do Estado. E além disto o unico premiado nas exposições universaes, tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de Rigollot deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarello, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma — F. Rigollot.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24. Paris.  
Depositos: No Rio de Janeiro, Duponchelle, em Pernambuco, Mauresse e Cia

### FERRO BRAVAIS

(FERRO DIALYSADO BRAVAIS)  
Ferro liquido em góias concentradas



UNICO  
ISENTO DE ACIDO  
Sem cheiro nem sabor

« Com este ferro dizem todas as sumidades medicas da Franca e da Europa, nem diarrheas, nem cansaco de estomago; além d'estas vantagens, tem a de não ennegrecer os dentes. »

UNICO ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAES  
3 medalhas nas Exposições, cura radicalmente  
ANEMIA, CHLOROSE, DEBILIDADE, ESFALAMENTO, NEURALGIAS, FRAQUEZA DA CRIANÇAS, ETC.  
E o mais economico das ferruginosas, pois um frasco dura mais d'um mez.

R. BRAVAIS et C<sup>ie</sup> 13, rue Lafayette, Paris  
E EM QUASI TODAS AS PHARMACIAS

### MANUFACTURA

DE

### PRODUCTOS CHIMICOS

PRUDON & C<sup>ie</sup>

Fornecedores da Imprensa Nacional, do Banco de Franca e dos principaes jornaes de Paris

IVRY-PARIS

(gare prolongée)

TINTA PRETA E DE OUTRAS CORES

Para impressões typographicas e lithographicas ordinarias e de luxo.

MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES

Lyon 1872. — Paris 1872. — Vienna 1873.  
Paris 1875.

## CONFEITOS FERRUGINOSOS E ELIXIR

Do Doutor RABUTEAU, premiado pelo Instituto de Franca.

Estes Remedios são receitados e recommendados pelos Professores da Faculdade de Medicina e os medicos dos Hospitais de Paris que certificaram a sua superioridade sobre todos os outros ferruginos para o tratamento da Chlorosis, Anemia, Fluxo branco, Convalescença e Empobrecimento do sangue.

O confeitos e o Elixir do Doutor Rabuteau fortificam as pessoas enfraquecidas ou convalescentes, facilitam a menstruação das jovens e offerecem a immensa vantagem de serem tomados sem inconveniencia pelos estomagos os mais debéis sem nunca produzir Prisão de ventre.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Droguistas.

## VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPAVEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pelle a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.  
4 — — — sem borla.

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

Ch. Fay

9, RUA DE LA PAIX, 9

Paris

## CAPSULAS E CONFEITOS

Com bromureto de camphora

DO DOUTOR CLIN

premiado pela Faculdade de Medicina de Paris.

As Capsulas e confeitos do Dr Clin empregam-se com o maior exito nas affecções nervosas em geral e sobretudo nas seguintes molestias: Hysteria, Asma, Doenças do coração e das vias respiratorias, Tosse nervosa, Espasmos, Coqueluxa (tosse convulsa), Insomnia, Epilepsia, Palpitações nervosas, Dansa de S. Guy, Paralysis agitante, Contrações nervosas, Nevroses en geral, Perturbações nervosas causadas por Estudos excessivos, Doenças cerebraes ou mentaes, Delirium tremens, Convulsões, Vertigens, Atordoamentos, Hallucinações e exitações de qualquer natureza que sejam.

Cautela contra as falsificações e exigir sobre cada letreiro o nome e a firma do Dr Clin.

Venda por atacado em casa de CLIN e C<sup>ie</sup>, 14, rua Racine, 14, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Droguistas.

## Dôr de Dentes

As Gotas Japonezas de Mathay Caylus acalmam instantaneamente a Dôr de Dentes a mais violenta e impedem a volta de novos accessos pela destruição da Caria.

O uso das Gotas Japonezas deve continuar-se até o dente doente ficar totalmente insensivel para obter uma cura completa.

As Gotas Japonezas são d'um emprego facil e d'um uso muito agradável por causa do seu cheiro suave e aromatico.

Venda por atacado em casa de CLIN e C<sup>ie</sup>, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Droguistas.

### PHOTOGRAPHIE

## ÉTIENNE CARJAT ET C<sup>ie</sup>

10, RUE NOTRE-DAME-DE-LORETTE, 10

AU REZ-DE-CHAUSSEE AVEC JARDIN

Portraits, portraits-cartes, albums, peintures, dessins, émaux, reproductions artistiques et industrielles.

#### MEDAILLES:

LONDRES, 1861. — PARIS, 1863, 1864. — BERLIN, 1865.

EXPOSITION UNIVERSELLE, 1867.

Tous les portraits sont exécutés personnellement par M. ÉTIENNE CARJAT.

## AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

## TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Da ao cabelo uma cor natural, destroe a caspa e conserva o casco n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas também um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assignatura do Doutor A. Holtz.

Deposito geral en Paris: V. HOLTZ, 12, rua Papillon, 12.

Les abonnements et les annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

# CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, Rue de la Grange-Batelière, 14